

O conceito de Literatura na América Latina ou “Cambia el paso que se te rompe el vestido”

Fernando Villarraga Eslava
Laboratório Corpus: fontes de estudos da linguagem
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

*Existe la prohibición de cruzar una línea
que sólo es imaginária*
Juan Luis Martínez

Pois é, meus amigos! O mago agora virou imortal, com a graça de Deus, que também é brasileiro. Estava na hora. Justiça foi feita. Admirado pelos cultos leitores franceses, tão exigentes em questões estéticas, com pleno direito a usufruir o título de Escritor nas plagas civilizadas, sofria a indiferença cruel das maiores instituições culturais patricias, apesar de ser há um bom tempo a principal estrela das livrarias, para espanto dos espíritos que com denodo protegem o sagrado patrimônio artístico nacional. A nossa ilustre Academia tarda mas não esquece. Se bem que às vezes olvida e também tarda. Que o diga Lima Barreto ou Guimarães Rosa. Porém, o importante é que seu Roberto e dona Nélide, junto com seus confrades, souberam reparar a tempo, sem consultar os tão sensíveis críticos universitários, o crime de lesa pátria que estava sendo cometido contra este imortal pensador. Premiado e condecorado por públicos e nações estrangeiras, traduzido às mais variadas línguas, na sua terra de homens cordiais

não tinha recebido a justa honra de qualquer título, só aquele que de forma tácita os mais fieis seguidores lhe brindam aqui comprando suas obras, pois com elas descobrem que o segredo da vida está em saber interpretar os sinais pouco visíveis da existência. Nosso presidente já não terá de dar mais explicações lá fora sobre as ignomínias literárias que ocorrem no país. Seu lugar está assim garantido na galeria nacional dos que com a pena, hoje eletrônica, dão expressão ao mais profundo da alma humana, para orgulho do sofrido povo brasileiro. *Finis coronat opus*. Enfim, depois de trilhar o árido *camino de Santiago*, nosso mago ingressa, então, no democrático santuário que reúne em vida, muitas vezes por enigmáticas razões, alguns dos principais santos da devoção literária nacional. Para alegria de sua numerosa e nada seleta platéia de fieis leitores, e para tristeza, é claro, dos espíritos sofisticados que lutam pela defesa da *verdadeira* tradição letrada.

E se a paz das almas apocalípticas parece conturbada com tal evento, agora a situação se agrava, porque um tal de Ferréz vem reivindicar, das margens promíscuas da desvairada capital paulista, num orquestrado e já notório movimento de ação pública, um espaço para o marginal na eminente República literária. Seu *Capão Redondo* se transformou em *Pecado*. Com segunda edição e tudo. E, o que é pior, como se não bastasse a ousadia, junto com ele vêm alguns pobres aspirantes à categoria de escrivinhadores. Que horror! Até onde vamos chegar? É o que pensam na surdina nossos mais caros intelectuais. Têm seus motivos para o espanto. Porque se os caras tivessem pelo menos um pouquinho de respeito pela língua portuguesa, mas é que nem sequer conhecem as regras de ortografia, da boa gramática; daí a queixa, para não falar da falta absoluta de sensibilidade e de gosto que seus textinhos, que outro nome dar, evidenciam. Com tão barulhenta onda a maré está ficando muito confusa. Os amigos, sem constrangimento algum, se dizem poetas, rappers, Mcs, dançarinos de hip-hop, escritores, desempregados, pobres. Editam livros, organizam revistas, fazem apologia de seus próprios discursos, apresentam-se como artistas, afirmam representar *a verdadeira cultura popular brasileira*, ganham relevo na mídia, fazem questão de ressaltar sua origem social, habitantes de favelas e bairros sem lei, só a que o poder paralelo estabelece, criam uma nova sintaxe com fortes ressonâncias orais e são diretos nas suas temáticas, quase sempre referidas à violência urbana e social. É uma turma da pesada. Tem neguinho que relata em livro suas experiências edificantes na prisão, como o tal de Jocenir. Ou que cria versos de rap para denunciar as mazelas da sociedade, causas de sua detenção, como o tal de Geraldo Brasileiro. Outros, como o tal de Atrês, parodiam lendas bíblicas para expressar um fio de esperança na humanidade. Até dona Laura, moradora da Colônia de Pescadores Z-3, em Pelotas, RS, decidiu aprender a rabiscar as letras do alfabeto, aos 50 anos, para escrever suas histórias. Bah, tchê! Todos já tiveram aqueles quinze segundos de fama ao ver os nomes gravados em letra impressa. Muitos de vocês, imagino, devem ter tropeçado nas bancas das rodoviárias da vida com os *atos I e II da cultura da periferia*.

Mas não pensem que é só analfabeto funcional, desculpem o sociologês, que pega na caneta, já que muitos deles ainda não têm a mágica do computador. Idéia errada.

Vários já fizeram faculdade, acreditem. Passaram algum tempo, como vocês e eu, tentando descobrir os segredos das falidas ciências, humanas ou sociais, tanto faz, quiçá para olhar com lentes mais ajustadas a mísera realidade de suas favelas, das quais saíram para invadir os recintos universitários e alguma grande editora. Contradição? Conspiração? Não, muito simples, é o samba do crioulo doido. É que por solidariedade de grupo preferem militar no campo da cultura marginal. Nascidos no morro, alfabetizados na barroquíssima escola de suas ruelas e becos, expostos às árduas provas da sobrevivência cotidiana, fizeram curso de graduação, e, o que nos interessa de imediato, decidiram dominar a palavra escrita para fazer literatura, sem perder seus vínculos sociais e humanos com o lugar de origem. É daí que extraem toda a matéria prima de suas obras. Eis a questão: ser ou não ser! Pois, segundo a lúcida visão adorniana dos mais puristas, dos que reagem à proliferação indiscriminada de apócrifos escritores, tais sujeitos com título de bacharel, como manda a boa tradição brasileira, o que praticam, através de capengas e enfadonhas narrativas sobre as duras e perigosas peripécias dos habitantes da **Cidade de Deus**, é um descarado populismo literário. Na verdade, como eles nos alertam, tudo não passaria de uma ardilosa estratégia da indústria cultural. Os fatos estão aí. Primeiro, o romance de Paulo Lins com o aval da mais prestigiosa editora do país. Depois, uma ficção com todos os ingredientes que os noticiários televisivos fornecem sobre o *Rio, 40 graus, cidade maravilha onde reina o caos*. A seguir, notas elogiosas, quem sabe até encomendadas, nos segundos cadernos dos principais jornais. E, para completar a cena, a adaptação cinematográfica do livro para conquistar também o público não leitor. A letra do tango já nos advertia: *hoy resulta que es lo mismo, ser derecho que cambiao...* Até um favelado pode se tornar um escritor de sucesso. Coisas do Brasil.

E que dizer dos nossos astros roqueiros que, sem abandonar os palcos, desdobram-se, nas suas múltiplas posições de sujeito, com diriam Laclau e cia., ora em artífices de jogos poéticos que dão continuidade ao *paideuma* concretista, com a benção papal dos Campos e Pignataris, ora em autores desse gênero *trivial* que se expande como praga pelo imaginário do leitor que só procura, sustentam os Kothes desde a capital federal, o mero divertimento com histórias policiais. Sim, meus amigos. Nossos *titãs* pós-modernos sabem que a gente não quer só comida. E por isso nos brindam universos feitos de linguagem para cultivar o espírito ou para curtir o prazer do lúdico. Porque para eles a palavra extrapola as estreitas margens de um CD. *A minha pátria é minha língua*. Sob esse lema vão gerando tanto seus textos musicais quanto seus objetos literários. Ainda que isso venha ser um atentado contra os padrões artísticos. Desculpem a oportuna paráfrase: *sociedade ruim, literatura pior?* Os herdeiros pellegrinos da velha razão ilustrada perguntam: será que está tudo dominado? Ou é que nos tempos atuais qualquer fulano pode fazer literatura? Ou não há mais nenhum espaço de resistência para deter os avanços das forças que comercializam as práticas da arte e da cultura? Felizmente, para as pessoas educadas na melhor tradição moderna, as salas de aula continuam sendo o melhor espaço profilático, se não se quer morrer afogado em obras de duvidosa qualidade estética.

É que na época do multiculturalismo global parece que todos têm os mesmos direitos artísticos. Vocês duvidam? Então, vejamos. Quem decida fazer um simples passeio pelas prateleiras de qualquer livraria mediana vai ter a ocasião de ver como, junto aos títulos dos mais prestigiosos escritores, aqueles que conformam o cada vez mais difuso cânone, estão expostas obras de autores que não figuram nas bibliografias das disciplinas acadêmicas, nas estantes das bibliotecas públicas de nossas instituições culturais de respeito, nas listas sérias do traumático vestibular ou do hoje assimilado provão, e, por racionalidade econômica, nos catálogos das editoras que incentivam o *povo brasileiro* a ler com suas coleções didáticas. E se alguém quiser incluir nessa série as pequenas bibliotecas dos mal remunerados colegas pode fazê-lo à vontade. É que não dá para trocar a compra da recente edição dos inéditos de João Cabral ou do último romance de Francisco J. C. Dantas por coisas do tipo **O dedo na garganta** ou **Poemas escritos no cárcere**. A opção é imediata. Sem falar da tradução de Cavafis que acaba de sair ou da publicação de uma obra desconhecida de Italo Svebo que seduzem os olhos. Ou será que se prefere: **O desatino de um infeliz**, do ilustre desconhecido Camero Martã? O parco orçamento pessoal proíbe tal malabarismo do gosto. E, apesar da suposta abertura teórica que atualmente se registra, a autoridade intelectual que se exerce também obriga a manter o decoro literário. Pois é. Se ao menos fosse **Quem matou Getúlio Vargas?** Vá lá. Ou **Lição de prático**, agora que nos fascinam as descobertas da biologia genética. Ou, inclusive, **Estação Carandiru** do abnegado sanitarista Dr. Drauzio Varella. Porém, independentemente da vontade individual, o fato é que os títulos plebeus estão aí. São parte substancial do heterogêneo mercado de bens simbólicos. E com absoluta certeza algum leitor distraído os deverá comprar. Se irão preencher suas expectativas ou não... bom isso é um problema da sociologia da leitura que Chartier e outros começam a desenvolver.

Pode-se suspeitar, então, sem ser sábio competente, que a mera observação empírica fornece os sinais sobre a falta de parâmetros nítidos para determinar no contexto da pátria amada o que se consome hoje sob o rótulo de literatura. Sim, porque além de cidadãos de honra, também somos consumidores, para desgosto dos epígonos da escola frankfurtiana. Ou, por acaso, quando desejamos ter as obras de nossos autores favoritos, digamos um João Gilberto Noll ou um Moacir Scliar, não precisamos realizar uma operação econômica? Só se se tem um samaritano mecenas que financie nossos hábitos para saber como no nível da representação fictícia se estilhaça a unidade do sujeito e a fabulação comanda a narrativa. Mas esses tempos há muito são pretérito perfeito. E a carência dos nossos acervos públicos é gritante. A única saída é a de pelo menos encontrar um sebo. E ainda nesse caso vemos que existe a mediação do mercado com suas leis da oferta e da procura. Digo tudo isto para lembrar apenas um pequeno, porém importante, fator que interfere, nem sempre de maneira explícita, nas práticas de recepção. Veja-se, em tal sentido, o peso que cobra no campo da teoria da comunicação o debate sobre as mediações. Um aspecto que, aliás, ao que todo indica, parece totalmente ignorado pelos professores e críticos, talvez porque, em razão dos postulados modernos sobre a autonomia da obra de arte, não queiram rebaixar os objetos da

literatura ao plano material das mercadorias que nos oferece a sociedade de consumo. Sem perceber que, como nos advertiu brilhantemente Benjamin, com as técnicas de reprodução a *aura* das criações do espírito, inclusive as mais originais e puras, as mais metafísicas, caiu na lama. E de nada adianta querer protegê-las contra a contaminação mercantil se elas são postas em circulação sob a forma de produtos com barras marcadas. Truísmo que o bolso de qualquer um de nós conhece de cor.

Bom, desculpem o desvio. Mas ele é pertinente, pois, como dizia antes, quem observa a infinita variedade de autores e de obras que as editoras lançam corriqueiramente, apesar da suposta crise do setor e do reduzido público leitor, percebe que a prática da literatura se espalha pelos mais variados setores sociais e profissionais da nação. Alguém de nós, por exemplo, consegue acompanhar a prolífica produção do gênero que aqui se afirma com *A grande arte*? Sem entrar a discutir se é ou não *alta literatura*. Embora o adjetivo seja parte essencial do problema. Por enquanto, lembremos só que, segundo Lúcia Miguel Pereira, uma das provas da pouca imaginação que dominava a ficção brasileira era, justamente, a de não se cultivar aqui o romance policial. Qual seria sua opinião hoje? Não adianta qualquer especulação. Deixemos ao culto Espinosa, o delegado, não o filósofo, tal indagação. O que nos interessa é que não há dúvida de que seria necessário um esforço coletivo para traçar a cartografia dessa produção. Seja qual for seu perfil ela se apresenta como literatura. E que dizer em relação ao vasto universo de memórias escritas, de biografias romanceadas ou de romances históricos que se acumulam na lista de espera de possíveis leituras? Que também é literatura. Ou, para não ser míopes no olhar, como considerar a ampla gama de romances espíritas, mesmo que a denominação provoque arrepios nos céticos e um esgar nos doutos? Como literatura. Sim, como literatura! As obras psicografadas de Chico Xavier, que Deus o tenha, além de nos colocar perante as questões teóricas cruciais da originalidade e da autoria, são as que mais se reeditam no país. Nem as do baiano excomunista e carlista têm tantos leitores. O *campus* se dilata. É um espaço de disputas, diz Bourdieu. E a poesia? Sua morte não foi decretada faz algum tempo? Bem, os velhos marginais dos anos 70 em sua grande maioria foram se calando, porém, alguns persistiram tentando outras formas expressivas, como o irreverente e camaleônico Waly Salomão. Todavia, a efervescência da *geleia geral*, que supostamente ameaçava a saúde lírica do país, e que tanto ofendeu a boa educação estética de poetas e de críticos paulistas, serviu para abrir espaço às vozes mais heterogêneas, aos mais diferentes dialetos que ao longo do território nacional foram se firmando. O inventário extrapolaria os limites desta exposição. Além de ser um terreno minado. Digamos apenas que o mapa do que se apresenta como poesia inclui nomes tão variados como os de Adélia Prado e Maria Lúcia Dal Farra, Alexei Bueno e Ronaldo Brito, Roberto Carlos Brazzo e Marco Antônio, Gato Preto e Cascão, fora os que cada um de vocês quiser mencionar. Para os mais ortodoxos, vários deles não poderiam figurar numa seleção elaborada com critérios realmente artísticos. De tal perspectiva, então, seus textos não teriam nenhum caráter poético tanto pela linguagem como pela pobreza de visão. Entre dona Adélia e o subalterno Cascão a distância é enorme, evidentemente.

Mas o que todos eles constroem com a palavra é literatura. Seja erudita ou periférica. Porque seus discursos têm um sentido simbólico, não obstante, como é lógico, estejam dirigidos para públicos diferenciados, o que determina o valor que se lhes confere. A série continua. Não deixemos de mencionar que existe também um enorme repertório de obras catalogadas conforme a nomenclatura de literatura infantil e juvenil. E, finalmente, para não estender *ad infinitum* o percurso, só faria uma simples pergunta: a massa de textos que transitam pelos canais da tecnologia em páginas virtuais para solitários internautas, num processo de democratização da escrita, dizem os especialistas no assunto, sob os rótulos tradicionais de poema, conto, crônica, relato, romance, etc., com o adendo de sua natureza virtual, não é uma ampliação das fronteiras da literatura?

Ora, nessa altura da minha *performance* discursiva alguns de meus pacientes ouvintes devem estar se interrogando se o título da palestra não fazia alusão ao conceito de literatura na América Latina. Pois é. Então, por que até aqui só se falou da *brasileña*? Quicá pela viagem geográfica e emocional de um sujeito que foi perdendo *o instinto de nacionalidade*. É que na sua alfabetização acadêmica aprendeu a usar o dialeto das correntes que queriam construir, impulsionadas pelos projetos políticos de integração, uma crítica e/ou uma teoria que desse conta da totalidade das expressões literárias do continente. Pela idéia de que elas teriam certos laços de unidade histórica e cultural. Havia razões para pensar isso. Por um lado, o diálogo vivo que sempre existiu entre os escritores dos nossos países, especialmente dos hispano-americanos, desde que ilustrados e românticos se *empenharam* na criação de suas respectivas literaturas nacionais, num movimento de duplo sentido, já que na medida em que se estabeleciam as bases de cada *sistema* interno geravam-se fortes vínculos com a globalidade do conjunto. Veja-se, por exemplo, a ação do *modernismo* nas suas tentativas de sincronizar a produção literária com a dinâmica de uma nova época e de decretar a plena independência em relação aos estagnados modelos peninsulares, mesmo tendo de recorrer ao auxílio estético dos parnasianos e simbolistas franceses para alcançar as metas traçadas. Entre suas figuras principais realiza-se uma constante troca de idéias e de propostas sobre os rumos da renovação profunda que estavam operando. Rubén Darío comenta com sentida admiração a Martí. Lugones reconhece o magistério de Rubén Darío. E Gutiérrez Nájera, José Asunción Silva, Herrera e Reissig, Díaz Rodríguez, assim como tantos outros, rendem fiel tributo a Martí, aderem às teses de Darío, na busca da nova estética literária. É hora de criar uma linguagem artística própria e autônoma em *Nuestra América*, vai ser a palavra de ordem. Por isso suas obras vão percorrer os reduzidos círculos de leitores da época sob os signos da identidade comum. Sobre tal experiência o diálogo se intensificará logo entre as vanguardas dos anos vinte. Basta conferir as hoje amareladas páginas das inúmeras revistas que publicaram. Até chegar aos convulsionados sessenta quando começam a ser discutidas as conotações do polêmico *boom* da literatura latino-americana. Esse fenômeno que, apesar da coloração editorial que teve, em função do inédito sucesso de público interno e externo de algumas obras, veio significar, entre outras coisas, o fechamento de um ciclo de buscas formais, a conquista da cidadania artística e a definitiva superação do tradicional recalque periférico dos nossos escritores.

Por outro lado, junto a essa razão do diálogo, intervém o forte argumento em torno da situação de dependência que marca os processos de formação e de consolidação das nossas literaturas nacionais, e que, sob disfarces muito variados, vai continuar a exercer um papel decisivo ao longo de seus respectivos desenvolvimentos. Na verdade, o fato de todas terem a mesma origem européia, de receber a influência constante dos modelos metropolitanos, de sofrer os desajustes na adaptação das formas a um referente estranho, e, paradoxalmente, de cumprir funções que superam o âmbito estético, é o que lhes daria uma natureza bastante original e uma identidade diferenciada. Para vários críticos resulta pertinente, então, pensá-las em termos da hipotética unidade que emergiria da diversidade. Daí o intenso debate que se instaura a partir dos setenta em relação aos tópicos centrais de qual seria a especificidade da literatura latino-americana, da urgência de implementar uma nova noção de literatura, de que conceitos utilizar para caracterizá-la de forma total e da possibilidade de formular uma teoria própria em virtude de seus traços peculiares. Tratava-se na realidade de uma pauta de trabalho que começaria a ser implementada ao calor, nem sempre ameno, de exigências de compromisso perante as circunstâncias históricas desse momento crucial. É o que conduz a realizar uma série de considerações em relação ao caráter *empenhado* da nossa literatura, às vezes indo do singular para o plural, de acordo com as estratégias do discurso, à condição estruturalmente *heterogênea* de suas expressões, aos processos que geram alguns de seus gêneros híbridos, às diferenças que marcam suas correntes cosmopolitas e *transculturadas*, às funções *ancilares* que precisou cumprir para atender demandas de sociedades atrasadas, a seus procedimentos para incorporar vozes silenciadas ou marginais, ao papel simbólico que sempre cumpriu como agente da modernização, entre muitos outros aspectos. Enfim, os esforços foram direcionados para a construção de um quadro teórico e crítico capaz de abranger, sem negar as respectivas particularidades nacionais, e a diversidade de tendências internas, o que seria a *totalidade contraditória*, segundo Cornejo Polar, das manifestações literárias de América Latina.

Explica-se assim o malabarismo metodológico que realizo para falar do conceito de literatura nesses *países novos e cálidos*. Dando a vocês o direito de discordar. Embora o mote desse encontro seja o de *derrubar fronteiras*. Contudo, é indispensável que faça um outro esclarecimento para que se compreenda melhor a minha posição hermenêutica, por estar em jogo aqui a validade de um discurso que não deixa de ter pretensões universais, tal como se evidencia desde o próprio título. Vejamos. Depois dos anos oitenta, da lamentada *década perdida*, não sabe do quê, nem por quem, quando as resistências iniciais contra o debate sobre a pós-modernidade perdem força, pois ele passa a ser absorvido por distintos setores acadêmicos e intelectuais latino-americanos como algo mais que uma simples moda teórica, abrindo espaço para questionar a pertinência de certos paradigmas, percebe-se que há mudanças substanciais na pauta de trabalho acima citada. Seja dentro ou fora das nossas fronteiras, porque a reflexão crítica também se movimenta desde vários pontos de Estados Unidos e de Europa, algumas questões são deslocadas pela presença que ganham diferentes tópicos vinculados

à suposta emergência de uma outra temporalidade histórica na América Latina, ainda que se façam sérias restrições ao impacto efetivo que esta teria em sociedades que nem conseguem ser modernas, e, sobretudo, aos efeitos específicos que se registrariam no terreno artístico e cultural. Nesse sentido, então, é indispensável levar em consideração os diferentes fluxos internos e externos que interferem diretamente nessa mudança de rumo, as posturas diferenciadas frente ao que parece ser um fato de complicadas arestas, mas com ressonâncias concretas na ação discursiva sobre as obras literárias dos latino-americanos.

Em primeiro lugar, não resta dúvida hoje de que depois de algumas propostas críticas e historiográficas há uma espécie de acordo mais ou menos explícito sobre as dificuldades de construir um quadro global das nossas literaturas, pois, além de faltar recursos de ordem metodológica para abarcar todas suas práticas, correntes e expressões internas, os enfoques globalizantes sempre resultam pouco apropriados para registrar as contradições e tensões do recorte respectivo. Mas não só isso. A aspiração a formular uma teoria própria continha já sua boa parcela de aporias. Ou por acaso não temos também passaportes de ocidentais? Com todas as restrições étnicas ou culturais que nos possam fazer em alguns aeroportos. Como desenhar a linha que separa um romance de Cortázar da tradição ficcional européia? Vargas Llosa, ao se filiar à experimentação, desenvolvendo novas possibilidades técnicas, não a retoma em suas obras para dar-lhe uma outra dimensão? Inclusive, no gênero que parece ser quase natural dessas plagas, *el testimonio*, não há elementos que derivam de tal tradição? Eis o problema. Quiçá a melhor evidência dos impasses que se vivem naquela altura seja a dos adjetivos que se propõem para caracterizar nossas literaturas. Ancilares, transculturadas, heterogêneas, mestiças, empenhadas? A aparente paz que os fez conviver de maneira civilizada durante tanto tempo escondia um conflito: as divergências teóricas e críticas para realizar sua definição e valoração. Não estranha assim que para encerrar o milênio tais denominações sejam postas em revisão, que uma tese como a do hibridismo cultural, última estrela do universo acadêmico, sofra sérios questionamentos, pelos *riscos das metáforas*, que se procure efetuar o balanço dos lucros e das perdas que nos deixaram os trabalhos de, entre outros, Fernández Retamar, Angel Rama, Antônio Cândido, Cornejo Polar, Carlos Rincón, Alejandro Losada, alguns deles mesmos agentes desse processo de revisão. Enfim, o fato a ser indicado é que nos momentos atuais constata-se a preocupação crítica por uma série de temáticas e de objetos de recente data, ou que, nos casos em que se abordam os da pauta anterior, fazendo uso das mesmas expressões genéricas, a perspectiva empregada mudou em razão das alterações profundas que vive o pensamento ocidental.

Em segundo lugar, como diz o Chaves, *el chavo del ocho*, é que sem querer querendo, pelas ondas que agitam nosso mar acadêmico e intelectual, e pela experiência existencial do cotidiano, parece que, graças a Santo Expedito, vamos nos tornando contemporâneos, quem sabe até esquizofrênicos culturais. E o condicional *parece* emprega-se aqui com o teor de um imperativo categórico. Costuma-se afirmar que as aparências enganam. E que vivemos na esfera de puros simulacros. Mas uma coisa é

certa: as certezas estão abaladas. E não há como deixar de ser contemporâneos pelo menos nesse ponto. Porque, como se sabe, a vasta reflexão filosófica e teórica sobre a crise ou falência da era moderna, de seus princípios e valores dominantes, de sua *episteme* e *grandes narrativas*, de suas formas de representação artística e cultural, produz-se com maior intensidade a partir dos anos oitenta, espalhando-se de maneira veloz e quase simultânea por centros e periferias de um mundo em que se reduzem as distâncias temporais e espaciais. Se bem para alguns não há pós-modernidade na medida em que o projeto da modernidade permanece inacabado, as teses sobre o corte ou a ruptura com o movimento moderno são parte da linguagem que se fala atualmente, apesar das diferenças que possam existir no variado espectro daqueles que as propõem, ou entre estes e seus detratores. Basta referir o confronto Habermas-Lyotard. Nesse sentido, parece-me que o contato mais ou menos imediato com ditas teses é o que, de forma ainda não aceita integralmente, vem provocar alterações importantes na pauta da nossa crítica literária, tal como se aprecia ao revisar o elenco de itens em foco. Literatura de gênero, processos identitários, literatura pós-colonial, discursos descentrados, literatura e estudos culturais, saberes e sujeitos subalternos, globalização e literatura, são alguns dos principais *topoi* que perpassam as mais recentes aproximações aos *corpus* multiformes das literaturas latino-americanas. E aqui vale o uso do plural. Daí a minha ironia sobre a sensação que temos atualmente de sermos contemporâneos, já que não precisamos esperar, como era tão comum até ontem, nenhuma tramitação alfandegária para ter acesso rápido às novidades da produção intelectual e científica feita fora das nossas fronteiras geográficas.

Por último, a contundência de certos fatos, permitam-me abrir aqui a porta dos fundos para voltar ao recinto de entrada da minha exposição, impõe o desafio de serem registrados, descritos e interpretados, talvez valorizados, porque já estão irreversivelmente inscritos na paisagem caótica ou barroca, como vocês gostarem, do sedutor mercado de bens simbólicos e artísticos. É onde o samba do crioulo doido faz a festa. Porque se trata de um fenômeno de múltiplas convergências. É que *não há como* divorciar as práticas e os objetos literários do presente, no seu diálogo harmonioso ou dissonante com a tradição moderna, dos olhares críticos que defendem a permanência do cânone ilustrado ou que buscam outros modelos de compreensão para dar conta do que o desajusta, seja porque responde às demandas pouco nobres de gostos vulgares ou às expectativas de outros grupos sociais; *não há como* obviar que muitas manifestações atuais no campo literário e cultural são resultado da liberação dos dialetos que é inerente aos processos contemporâneos da comunicação, embora sua lógica fundamental esteja atrelada a estratégias do poder político e econômico, e que transitam por canais diferentes dos que a modernidade consagrou; *não há como* negar que muitas obras e linguagens derrubam as fronteiras que distinguiam hierarquicamente os territórios do culto, do popular e do massivo, ao recorrer ao *pastiche*, à paródia e aos jogos intertextuais, para deixar de lado as pretensões à originalidade de quem as formula; *não há como* driblar todos os sinais que indicam a exaustão das velhas utopias, crenças e concepções artísticas, sobre as quais se edificaram nossos grandes monumentos literários, e que revelam, por

sua vez, as opções de muitos escritores de ignorar as tradicionais exigências de construir uma obra de validade universal, essa palavra chave dos modernos; *não há como* ignorar que para muitos jovens, que buscam dominar os artifícios da escrita através de gramáticas não oficiais e de dicionários com acepções apócrifas, a tarefa da atualidade não é a de inventar *Comalas* ou *Macondos* ou *Antares*, *Casas de Campo* ou *Rayuelas* ou *Grandes Sertões, veredas*, *Cantos Generales* ou *Libertades bajo palabra* ou *Ovonovelas*, mas a de poder dar presença a seres, vivências e fatos que nos surpreendem porque os temos visto na rua ou no noticiário da televisão, porque têm a fisionomia familiar do corriqueiro e banal da vida urbana, porque nos falam em códigos que, como diz o professor Pasquale, ferem as normas cultas da língua ao tropeçar na sintaxe e esbarrar na semântica, porque são expressão direta do imediatismo que distingue a vivência de tribos e galeras urbanas e periféricas; enfim, é que *não há como* desconhecer que hoje sob o tão dilatado termo de literatura circulam os mais heterogêneos discursos, cujos sentidos podem responder tanto às resistentes convenções do que os setores ilustrados admitem como literatura sem adjetivos e com maiúscula, como às pragmáticas exigências de grupos que fazem uso da palavra para ganhar visibilidade social e marcar sua identidade sem se importar com os substantivos e optando pelas minúsculas, ou, ainda, tais sentidos podem estar atrelados às práticas de sujeitos que se movem livre e ludicamente por diversos universos simbólicos e estéticos.

Mais um pouquinho de paciência e termino já. É que preciso dar os últimos passos de meu sambinha doido. Se referi no começo alguns dos fatos mais recentes que parecem agredir a noção de literatura que ainda prevalece em muitas instituições brasileiras, aquela que se filia às concepções artísticas modernas, foi para ilustrar, através do que nos é mais próximo, um movimento geral que percorre quase todas as sociedades latino-americanas. Digo geral mas não uniforme. Escritores, escrivinhadores, rascunhadores, escreventes, com ou sem títulos acadêmicos, com muitos ou minguados leitores, fazem uso da palavra escrita para fabricar artefatos de caráter literário, seja em Chihuahua, Barquisimeto, Buerarema ou Concepción. Eis a questão. Por isso, frente à avalanche de textos e autores que inundam as estantes do mercado e contaminam as telas dos nossos computadores, Machado de Assis e Borges misturados com Jocenir e Alberto Fuguet, as vozes esclarecidas de certos críticos e professores se fazem sentir para colocar ordem no que se apresenta como a autêntica casa da mãe Joana. Sem falar na defesa própria que realizam nossos preclaros escritores. Daí os esforços heurísticos, por exemplo, de dona Perrone-Moisés e dona Sarlo, para reerguer as salutares fronteiras que devem separar as *altas literaturas* das médias e das baixas. Veja-se como a introdução do adjetivo enobrece neste caso. Pois é. É que para tais figuras as *altas* e autênticas *literaturas* são as únicas que permitem ao leitor culto - vocês, é claro - viver a ontológica e insubstituível experiência estética, a que leva ao prazer sublime do belo e à indagação crítica do mundo. As outras só estão a serviço do simples divertimento, do gosto massificado ou da alienação que imbeciliza. A conclusão é óbvia: perante as contundentes evidências de que se cometem tantos crimes em nome da Literatura é obrigatório identificar os culpados e esclarecer a verdade.

Por outro lado, sejam quais forem os conteúdos e as formas que assume nas nossas fronteiras geográficas e mentais o pós-modernismo, percebe-se como sob seu influxo se dá início a um processo de abertura crítica em relação a obras, temáticas e problemas que não se encaixam parcial ou totalmente nos padrões da singular modernidade de América Latina. Porém, é necessário assinalar que essa abertura comporta também a repetição de uma certa retórica e de alguns hábitos críticos, com o que, contraditoriamente, terminam se relegando a um plano secundário as tarefas de reconhecer a pluralidade das expressões literárias e de revisar os impulsos à universalização. Nesse sentido, então, é comum colocar em discussão teórica os aspectos cruciais que dizem respeito à produção de gênero, de novos sujeitos, de identidades sociais, de linguagens híbridas, etc., insistindo na pertinência que têm para as análises da literatura e da cultura contemporâneas, ou, numa outra linha de raciocínio, para a reformulação de certos enfoques sobre obras e períodos da história literária. Até aqui não há nada a objetar. A contradição emerge é quando se olham os recortes feitos e as maneiras de abordar as obras em muitos trabalhos críticos, dada a notória tendência de selecionar o que menos põe em relevo a dissonância com o cânone dominante ou a distância em relação aos modelos modernos, por um lado, e a inclinação para efetuar piruetas mágicas que levam a mostrar como se registram os tópicos do desajuste atual, por outro.

Em termos cristãos, aqueles que acompanham de algum modo a fartíssima reflexão acadêmica que se faz aqui e acolá sobre as produções literárias de América Latina já sabem que: a narrativa de Roberto Arlt ou José Maria Arguedas ou Jorge Amado é a que nos fala das construções identitárias; a poesia de Gabriela Mistral ou Cecília Meireles ou Alfonsina Storni é a que incorpora o espírito das lutas femininas; ou, acreditem se quiserem, a ficção de Borges ou García Márquez ou Clarice Lispector é, *avant la lettre*, a que inaugura o pós-modernismo. Outras vezes, o fazer crítico fica concentrado na interpretação de livros que, por uma feliz combinação de fatores, recebem rapidamente a canonização. Em torno deles se edificam sofisticadas argüições para destacar, por exemplo, o caráter feminino da escrita, a inédita visão da história que apresentam, a desconstrução das hierarquias verbais, os usos de materiais inéditos ou qualquer outro aspecto que o crítico formule. Tal como acontece com os da trilogia famosa e exemplar, Isabel Allende, Angeles Mastreta e Laura Esquivel, de cujas páginas, digamos, para ser respeitosos, um tanto estereotipadas, para inglês ver, extraem-se conclusões universais sobre *la nueva narrativa femenina latinoamericana*, sem que haja em ditos enfoques a menor alusão a uma escritora panamenha ou brasileira. Sem esquecer os profundíssimos estudos que aplicam o pensamento derridiano para demonstrar que a narrativa de Guimarães Rosa é de desconstrução. Ou os que babam com Bhabha para concluir que nossa literatura também é pós-colonial. A lista é grande. Mas o que importa destacar é que as posturas efetivas de tal crítica não dão sinais de muita coerência, já que há um quebre entre o que defende no plano teórico e o que pratica no momento de realizar as escolhas e as interpretações, ao continuar ignorando ou desprezando objetos que nos falam em dialetos e tons que geram um forte desconforto

nos nossos ouvidos cultos. Em síntese, em raríssimas ocasiões temos a oportunidade de nos defrontar com alguma reflexão que de fato se detenha a procurar entender como na realidade empírica os mais dissímeis sujeitos e grupos sociais definem seus flexíveis territórios literários, traçam imaginárias e promíscuas fronteiras, produzindo e consumindo discursos com significações e sentidos quase sempre restritos a eles mesmos.

Finalmente, permitam-me dizer que da minha perspectiva pessoal revisar a questão do conceito de literatura na América Latina implica distinguir os usos e os abusos que hoje se fazem dele nas diversas esferas da vida cultural. Vejamos. Quando entramos, na nossa condição de consumidores, na livraria de um shopping center, o que percebemos logo é a democrática convivência de autores e de assuntos, ordenados nas prateleiras sob os rótulos respectivos, o que nos dá a liberdade de escolher segundo o gosto particular. Optamos por Zélia Gattai, Laura Restrepo ou Zabia Gasparetto? Quando abrimos, na nossa condição de assinantes, as páginas da refinada revista *Cult*, esperamos achar, entre outras coisas, artigos, entrevistas e resenhas sobre a literatura culta, além de textos de autores de valor. Quiçá um quase inédito poema de Raul Bopp, as declarações de um Ricardo Piglia ou uma análise crítica sobre a ficção de Raduan Nassar. Quando estamos na rodoviária, na nossa condição de próximos passageiros, sem saber o que fazer no tempo de espera, vamos na banca de revistas e compramos *Caros amigos*, na expectativa de ler algo contestatário. Poderia ser algum conto de João Antônio, uma crônica de Eduardo Galeano ou um esrachado poema de Sérgio Vaz. Quando ligamos o computador, na nossa condição de internautas, para ver a página da literatura marginal, sabemos que vamos encontrar textos e linguagens dissonantes e ruidosos. Talvez a letra de um *funk* apresentada como poesia, um *rap* na forma de cordel ou um relato na forma de *comics*. E, para não esquecer nosso lugar de enunciação, quando estamos numa Semana de Letras, na condição de alunos ouvintes, expositores convidados ou professores organizadores, é quase natural que a atenção esteja voltada para as reflexões sobre os problemas essenciais da literatura. Quem sabe não ouviremos falar dos belíssimos romances de Milton Hatoum, dos escritores nacionais que encerram o século XIX ou dos autores que trabalham a memória no registro ficcional. Ou, ainda, por um desses acidentes imprevistos, de obras e de figuras que nunca jamais leremos. A pergunta é lógica: tudo isso é e tem a ver com literatura? A resposta é simples: tudo isso é e tem a ver com literatura. O problema é que se não alteramos o passo, o modo de dançar, existe o perigo de perder o compasso e dançar, porque o samba irá por um lado e o corpo por outro. Pois, não adianta ficar preso ao recinto acadêmico de um conceito de literatura que faz tempo explodiu nos âmbitos de outras escritas e de leitores pouco ou nada especializados. Sem querer querendo os outros também constroem suas literaturas, convenhamos. Por isso a minha provocação: para saber o que na atualidade é a literatura torna-se inevitável violar a proibição e transpor a *línea que sólo es imaginaria* e que nos afasta de suas manifestações concretas e plurais. Seguir o sábio conselho do bailarador que, embalado pelo acordes sincopados e estridentes da *salsa*, possuidor de um outro *sensorium*, sussurra no ouvido de sua atordoada parceira, que, acostumada a velhos ritmos, não consegue achar o bendito compasso: *cambia el paso que se te rompe el vestido...*